



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7989 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT04 - Didática

## O DIÁLOGO PARA A LIBERTAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS LIBERTÁRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS CRÍTICOS

Carolina Santos de Miranda - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Gilvaneide Ferreira de Oliveira - UFRPE - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

### RESUMO

A sociedade contemporânea tem exigido que a escola repense seu papel, nela agora se deve promover a construção do conhecimento. Principalmente por haver dentro dela uma juventude dinâmica e que não se conforma com o lugar da passividade. Nesse trabalho pretendemos discutir como um processo de ensino-aprendizagem mediado pelo diálogo pode ser libertador, ajudando na construção de sujeitos críticos. É uma pesquisa qualitativa e que usou o Círculo de Cultura como técnica de construção de dados. O contexto da pesquisa foi uma escola pública localizada no município de Abreu e Lima/PE e os participantes foram estudantes e um professor de biologia. Os dados nos mostraram que o professor participante da pesquisa se coloca como mediador do conhecimento usando do diálogo para promover um movimento crítico-reflexivo em seus alunos. Concluimos que os alunos estão em um processo de construção crítica impulsionado pela prática do professor que é pautada no processo dialógico.

**PALAVRAS-CHAVES:** professor mediador; prática libertária; diálogo; sujeitos críticos-reflexivos;

### 1 INTRODUÇÃO

A juventude contemporânea, em boa parte, é uma juventude com muito mais liberdade para expressar-se, comunicar-se, conectar-se e, talvez por isso, seja em situações de militâncias operantes menos ativa, por ter quase sempre tudo à mão, de forma muito fácil que gera um imediatismo em suas buscas e relações, não sentindo necessidade e paciência de lutar e de maturar processos de conquistas e produções. Essa juventude ativa e inquieta, para algumas questões e passiva e inoperante para outras, está compondo o contexto escolar e se relacionando diretamente com diversos atores sociais desse contexto, que na maioria, são de outras gerações e não conseguem entender e acompanhar esse ritmo juvenil.

Em relação ao processo de ensinar e aprender essas diferenças se tornam portanto, um processo muito mais complexo diante dessa nova geração, que busca liberdade sem estar atento ao real significado de ser liberto, além de não ter como principal função a construção de conhecimento para a liberdade da sua existência humana. Por isso acreditamos, pesquisamos e escrevemos dentro de uma visão progressista de educação e de prática pedagógica, crendo que a educação tem esse poder de libertação como nos diz Paulo Freire. Em seu escrito sobre educação como prática para a liberdade, Paulo Freire nos leva a compreender que a construção do conhecimento, entendido como prática libertadora, ativa os estudantes a serem protagonistas e os/as professores/as a serem mediadores/as dessa construção de saber.

Santiago (2006) retrata a prática pedagógica libertadora de Freire firmada em um tripé, com a base sujeito-existência-conhecimento, pois o sujeito exerce uma relação com o seu contexto a partir do conhecimento e dessa mediação se produz mais conhecimento. Todo conhecimento gira em torno de um objeto de estudo e o aluno, mediado pelo professor, vai fazer o exercício da criticidade.

Diante disso, sentimos a necessidade do campo educacional e acadêmico, dessa discussão em torno do poder que um processo de ensino-aprendizagem pode ter se estiver uma prática pedagógica dentro desse viés progressista. Nosso objetivo nesse trabalho é discutir como um processo de ensino-aprendizagem mediado pelo diálogo pode ser libertador, ajudando na construção de sujeitos críticos, quando o professor está aberto a ser mediador desse diálogo.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Este trabalho aconteceu no âmbito do mestrado em educação é de caráter qualitativo, uma vez que se dedica a investigar a problemática em seu ambiente natural, um ambiente com amplo universo de significados, buscando compreender os processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a apenas algumas variáveis, segundo Minayo (2001):

[...] Ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (pg. 22).

Na educação, a pesquisa qualitativa é a mais utilizada pelos pesquisadores, por se configurar como um campo pertencente à área das ciências humanas e que, por consequência, estuda as relações humanas. Entre tantas vertentes que guiam a pesquisa qualitativa, a fenomenologia, segundo Guarnica (1997), tem ressoado nas investigações na área da educação com intensão de romper radicalmente com a hegemonia das concepções clássicas. Principalmente na visão sociointeracionista, que tem emergido no campo educacional e enxerga a educação como processo, então se faz necessário utilizar abordagens que possibilitem compreender esse processo que é dinâmico, e não pode ser mensurado nem quantificado.

O contexto empírico desta pesquisa foi uma escola pública do Estado de Pernambuco, especificamente no município de Abreu e Lima. Uma escola de porte médio, com estrutura física para abrigar diversas turmas – do 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio –, o que faz com que ela tenha uma quantidade significativa de alunos e professores, participantes esses que chegam previamente carregados de significados contribuindo para a existência das diferenças.

Os participantes da pesquisa foram: o professor Juvenal[1], que leciona a disciplina de

biologia e os estudantes participantes de um núcleo de discussão sobre gênero e sexualidade dessa escola. Esse núcleo foi fundado no ano de 2006, e existe há quatorze anos. Lá desenvolvem-se, periodicamente, rodas de diálogos que são iniciadas geralmente com atividades que provocam os estudantes a participarem do debate e a refletirem sobre a questão central abordada naquele encontro. Essas rodas de diálogos podem começar com filmes, jogos, imagens ou qualquer outro instrumento que fomente o diálogo sobre o tema escolhido, tema que emerge do desejo dos alunos pela discussão de tal temática.

Utilizamos na construção dos dados da pesquisa o Círculo de Cultura, que se originou em 1964 sob a liderança de Paulo Freire com o objetivo de realizar reflexões em grupos, não só em busca de esclarecimento de situações, mas também em busca de ações sendo vivenciadas coletivamente. A utilização desse método, inicialmente, foi no âmbito da educação, objetivando a alfabetização de adultos, mas logo passou a ser aplicado em pesquisa de cunho qualitativo para a construção dos dados (CAVALCANTE, 2008).

Posteriormente, passou a ser utilizado para outros tipos de ação popular baseado no método VER-JULGAR-AGIR, favorecendo a discussão democrática ao aprofundamento de consciência (conscientização). Parte do princípio de que a democracia constrói-se dentro de um aprendizado de liberdade, por meio de uma educação problematizadora, crítica e de inserção em um mundo real. Contrapõe-se à Educação Bancária, depositadora de conhecimento sem reflexão sem pergunta. Por isso, o encanto entre aqueles que aprendem transformando o mundo em que vive, é um encontro dialógico. (GÓIS, 1996 p. 105 e 108, *apud* CAVALCANTE, 2008).

Escolhemos um momento de roda de diálogos para desenvolver o círculo de cultura, cuja temática era as questões que circundam as pessoas transexuais. Para registro dos dados foram utilizados instrumentos como o diário de campo, registros fotográficos, vídeos e gravação de voz, na tentativa de não se perder nenhum elemento que possa ser importante para a análise desses dados construídos.

Através dessa técnica, pudemos ouvir as vozes dos participantes, tanto a partir de suas falas, quanto do modo como se comportaram e se colocaram nas dinâmicas propostas. Então, para analisá-los, utilizamos a triangulação dos dados, auxiliada pelas perspectivas teóricas advindas da fundamentação construída ao longo deste estudo.

Como toda pesquisa que tem por objetivo se aprofundar no campo, construindo dados que possam ser publicados e divulgados, não se pode deixar de respeitar os direitos dos sujeitos participantes, por isso tomamos o cuidado de usar o termo de livre consentimento no qual todos os participantes ou responsáveis por eles tomaram consciência do que iríamos fazer com os dados e como pretendíamos preservá-los.

Kramer (2002) aborda a questão de não expor o nome do sujeito pesquisado, pois o mesmo pertence àquele contexto e seus depoimentos podem afetá-lo, gerando inimizades ou até mesmo causando-lhe risco de vida. A autora sugere que sejam construídos nomes fictícios, indicados pelos próprios sujeitos para que assim a identidade deles não seja perdida. Usamos, portanto, desse princípio para preservar a identidade real dos participantes.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Um dos principais resultados que encontramos foi o fato do professor Juvenal enxergar uma juventude capaz de transformar sua realidade, com a mente livre para pensar, isso leva-os a dar voz aos estudantes em suas práticas pedagógicas. Se ele dá voz a esses estudantes, significa dizer que eles os escutam, se há escuta existe diálogo e, Freire (1983) diz que é no diálogo, na troca de ideias que se constrói a criticidade dos sujeitos.

Momentos de observação do Círculo de Cultura nos encontros e discussões do núcleo mostram como o professor Juvenal prepara um espaço de fala para os estudantes, assim como a intenção de remetê-los à reflexão acerca de sua própria fala. No momento descrito abaixo, o professor traz a foto de uma transexual muito famosa que revolucionou a sua época. Ao mostrar essa imagem para os alunos, lançam como proposta, uma chuva de ideias com a seguinte pergunta: “com uma única palavra o que você diz sobre essas três imagens que vocês estão vendo?”. A partir desse momento, várias palavras surgem, como coragem e liberdade, porém, uma das palavras que chama atenção do professor foi liberdade, por despertar um momento de reflexão e argumentação que está descrito no quadro 1:

**Quadro 1: diálogo entre Juvenal e os alunos sobre o significado da imagem de uma travesti**

<b>Juvenal:</b>	Alguém mais tem alguma palavra com relação a essas imagens?
<b>Aluno 7:</b>	Coragem.
<b>Aluno 8:</b>	Liberdade.
<b>Juvenal:</b>	Por que liberdade?
<b>Aluna 8:</b>	Porque eu acho que ela se sentiu mais livre depois que ela se assumiu.
<b>Aluna 9:</b>	Eu também acho ela fez tudo o que ela sempre quis.
<b>Aluna 10:</b>	Eu acredito que quando ela passou por esse processo ela nasceu de novo.
<b>Juvenal:</b>	Isso!

Fonte: organizado pela autora

No diálogo acima, surge uma palavra que o professor Juvenal intencionava ouvir para atingir seus objetivos com aquele momento de mediação, foi a palavra “Liberdade”. De imediato ele questionou a aluna sobre qual o motivo de ela ter citado essa palavra, levando-a a refletir sobre a palavra que utilizou e nesse processo mostrou, através do seu argumento, que construiu um conceito acerca daquela imagem. Ao mesmo tempo, os outros dois alunos participantes do diálogo usaram a resposta da Aluna 08 para construir e apresentar suas opiniões, para o Aluno 09 aquela afirmação fez sentido, portanto, ele concordou. Mas para o Aluno 10, aquela imagem ia muito além de uma pessoa que alcançou a liberdade na ação de revelar sua transexualidade, para ele, a travesti passou por um processo de transformação.

Momentos de cunho argumentativo é regado por um conjunto de ideias sendo jogadas e discutidas ao mesmo tempo, isso traz aos sujeitos um conflito mental, é nesse conflito de ideias que ele é estimulado a defender suas ideias e argumentos, apresentando seus conceitos. Esse movimento obriga-o a refletir acerca das ideias que estão sendo lançadas naquele momento argumentativo, não só pensar como também argumentar para defender a sua ideia. Portanto, segundo Leitão (2011), a argumentação não tem apenas a função de defender ideias, por necessitar de reflexão, está intimamente ligada à construção de conhecimentos, pois gera nesse sujeito processos cognitivos, faz com que ele desconstrua conceitos e ressignifique-os. Segundo a autora, a argumentação só pode acontecer diante de uma discussão com pontos de vista divergentes, o que vai levar o indivíduo a formular claramente seu argumento e fundamentá-lo apresentando razões aceitáveis, esse processo produz criticidade e leva a construção conceitual.

Esses estudantes nos encontros do grupo vivenciam momentos em que eles podem falar, discutir e pensar sobre questões do cotidiano deles. Isso faz com que a vivência dessas práticas tenha sentido para eles bastante significativas para sua liberdade de expressão e transformação. Portanto, gera não só reflexão e criticidade, como possibilidade de atingirem um nível atitudinal, que é consequência do pensamento crítico-reflexivo.

Juvenal mostra o tempo todo que ele estimula com sua prática essa atitude dos estudantes, então eles conseguem ser reflexivos, críticos para agir no seu contexto. No quadro dialógico abaixo, trazemos um recorte do momento de discussão do núcleo em que Juvenal estimula a reflexão dos estudantes acerca de um assunto polêmico, que é a reação da sociedade diante da diferença, como por exemplo, um sujeito resolve mudar de sexo, ou seja, um transexual.

#### **Quadro 2: diálogo de Juvenal com os estudantes sobre mudança de sexo**

<b>Juvenal</b>	E esse elemento diferente ele é construtivo ou ele é destruído? A imagem Joelma na sociedade representa uma ameaça ou ela é destrutiva? (Alguns alunos dizem: Com certeza!) É uma ameaça, é uma ameaça! (Ele fala isso balançando a cabeça). Joelma ameaça porquê...
<b>Aluno 20</b>	Porque tem muito preconceito
<b>Aluna 21</b>	Ela quebra o padrão
<b>Aluna 22</b>	Apesar de a gente já saber bastante, mas ainda tem muito preconceito porque as famílias ditas tradicionais acreditam que essa imagem pode atrapalhar a família tradicional
<b>Juvenal</b>	Isso
<b>Aluna 23</b>	Eles pensam que sexualidade é coisa que contamina

Fonte: organizado pela autora

Juvenal lança uma pergunta que faz com que os alunos reflitam sobre tudo que eles já construíram cognitivamente em torno daquele assunto, que certamente já foi discutido por eles em outros momentos, pois percebemos na fala deles um argumento de quem já tinha tido algum contato com esses conceitos. A pergunta do professor faz com que eles reflitam sobre os padrões sociais heteronormativos.

Alarcão (2011) fala que estamos vivendo na era da informação, que está cada vez mais globalizada, isso traz à escola mais um motivo para crise, pois com todo esse poder de informação nas mãos, faz-se necessário saber lidar com ele. Um caminho é a reflexão, segundo a autora, para saber administrar essa facilidade de obter informação. Professores e alunos com capacidade de refletir terão competência para administrar as problemáticas do cotidiano e a sua formação enquanto sujeito.

Assim como a construção do sujeito é processual, a sexualidade como parte dessa construção se inicia desde o nascimento. Alguns autores que estudam o desenvolvimento humano defendem essa teoria, sendo Freud o mais conhecido. Os sujeitos entram no contexto escolar desde muito cedo, ainda na primeira infância, portanto, a escola é um espaço de problematização da sexualidade desde sempre. Porém, essa discussão não se encerra dentro dos muros da escola, o núcleo mostra que também tem isso como objetivo, problematizar a sexualidade com esses alunos para que eles se tornem críticos e reflexivos para discutir e viver sua sexualidade fora desse espaço.

## **4 CONCLUSÃO**

Podemos encontrar naquele contexto escolar um corpo docente e discente disposto a fazer a diferença faz reviver em nós a esperança de dias melhores na educação, e falamos isso por tudo o que identificamos ali. Principalmente Juvenal que se mostrou um professor capaz de refletir sobre sua prática e com autonomia para repensá-la. Por isso é capaz de ouvir, problematizar e discutir, sinal de que ele não teme ser desafiado, questionado e é flexível à possibilidade da incerteza. Percebemos nele uma capacidade para ser mediador, pois sabe que não é o centro do processo de aprendizagem, reconhece que o aluno é o foco, que é quem deve se destacar e o papel do professor deve ser o de ponte entre eles e o conhecimento.

Acredito que os espaço de ensino-aprendizagem no qual ele desenvolve sua prática, o núcleo de discussão, corrobora para que ele tenha essa prática mediadora, pois é um espaço deferente da sala de aula, são poucos alunos, não tem horário pré-determinado e os alunos que estão nos momentos de discussão são aqueles que realmente se interessam pelo que vai ser discutido.

Os estudantes, por sua vez são ativos no processo, ou seja, eles desenvolvem não apenas a capacidade de ouvir, mas de falar e, principalmente, de pensar, pois são levados a refletir sobre as problemáticas da sexualidade e formar sua própria opinião. São alunos em processo de construção crítica, por tudo que eles vivenciam a partir da prática mediadora de seus professores. Prática mediadora que tem o diálogo como principal instrumento e que traz nesse movimento a criticidade e liberdade que transforma e humaniza os sujeitos. O que nos incomoda é que esse papel não é assumido por todos os atores daquele contexto, muitos alunos e professores ainda não foram atingidos por esse movimento libertador e, por isso, ainda seguem dentro de suas caixinhas heteronormativas, disciplinares e tradicionais.

## **REFERÊNCIAS**

ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. São Paulo: Ed. Cortez, 2011.

CAVALCANTE, Ruth. Educação biocêntrica dialogando no círculo de cultura. **Revista Pensamento Biocêntrico**, Pelotas: N° 10 jul/dez 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13° ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GUARNICA, A.V.M. Professor e Professor de Matemática: das informações que se tem acerca da formação que se espera. **Revista da Faculdade de Educação**. v.23 n.1-2 São Paulo jan./dez. 1997.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, julho/2002 Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 41-59, julho/2002.

LEITÃO, Selma. O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. In: \_\_\_\_\_; DAMIANOVIC, Maria Cristina (Orgs). **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

---

[1] Aos participantes da pesquisa demos nomes fictícios para proteger suas reais identidades.